

Com o desemprego em níveis históricos, são as tabelas de retenção a suportar a receita de IRS. Aumento de retenção na fonte explica receita

Por *Lucília Tiago*



Só o IRS segura o défice: mais 52 milhões



Vítor Gaspar, ministro das Finanças
D.R.

09/06/2012 | 00:00 | Dinheiro Vivo

Com o desemprego em níveis históricos, são as tabelas de retenção na fonte que estão a aguentar a receita do IRS. O valor do imposto que todos os meses é "retirado" aos ordenados e pensões sofreu um aumento em fevereiro (entre 0,5% e 2%) e é isto que explica que o IRS arrecadado até abril esteja 52,1 milhões de euros acima do de 2011. No ano passado, uma boa parte dos contribuintes começou a receber o reembolso do IRS ainda em abril, mas este ano a devolução arrancou em força apenas em maio.

Este desfasamento explica que a receita do IRS tenha um acréscimo (aparente) de 276,4 milhões de euros. Retirado este efeito, a subida é de 53,1 milhões de euros. O valor parece modesto, mas acaba por ser significativo tendo em conta que ocorre num momento de subida do desemprego e de corte de remunerações. Expectável seria que evoluísse mais em linha com as contribuições da Segurança Social - em acentuada quebra -, uma vez que o IRS incide maioritariamente sobre rendimentos de trabalho.

O "toque de magia" deve-se, sobretudo, à subida das tabelas de retenção na fonte, que estão a fazer que as **peçoas com salários brutos** acima de 675 euros estejam a pagar mais imposto desde fevereiro. Neste caso, a subida de retenção foi de 0,5%, mas em escalões de rendimento mais altos o agravamento ascendeu aos 2%.

Mas há outros "pozinhos" que estão a ajudar o encaixe de IRS. Um deles, refere o fiscalista Manuel Faustino, tem que ver com a sobretaxa de 3,5% aplicada ao subsídio de Natal. "Como aquela sobretaxa incidiu sobre os rendimentos ganhos em 2011, as empresas que tinham prémio a pagar diferiram estes pagamentos para 2012. Este tipo de decisões acabou por inflacionar o valor de rendimentos sujeito a retenção na fonte no início de 2012.

Mas não só. A subida de 21,5% para 25% da taxa liberatória que incide sobre os juros de depósitos e da generalidade das aplicações financeiras está também a contribuir para que o IRS se encontre em terreno positivo face a 2011. Resta saber como irá evoluir até ao final do ano e se se conseguirá atingir a meta de aumento de 5,9% prevista pelo governo. Em termos práticos (e que conta para o apuramento do défice), a receita de IRS vai sofrer nestes próximos meses o efeito dos reembolsos - em maio, foram já devolvidos cerca de 800 milhões de euros -, da "entrada em campo" da sobretaxa de 3,5% sobre os rendimentos prediais, de capitais e de trabalho independente e da manutenção das tabelas de retenção na fonte. Mas, como assinala o fiscalista Rogério Fernandes Ferreira, a evolução da receita líquida - o que se cobra menos aquilo que tem de se devolver -, "é reversível" e um indicador "meramente financeiro". Isto porque, se a retenção for demasiado elevada num determinado ano, isso vai significar uma subida dos reembolsos no ano seguinte.

É certo que no acerto de contas do próximo ano a generalidade dos contribuintes irá debater-se com a redução de deduções e benefícios fiscais. Mas um conjunto de simulações realizadas pela PwC também mostra que muitos terão, ainda assim, uma subida do reembolso no próximo ano, já que este ano estão a pagar mais IRS do que deviam. Manuel Faustino não arrisca valores sobre o efeito desta retenção, mas não tem dúvidas de que, "neste panorama de aumento do desemprego e de redução de salários", não há justificação para que o IRS esteja a aumentar.